

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

António Manuel Lopes Andrade
Carlos de Miguel Mora
João Manuel Nunes Torrão
(Coords.)



Aveiro | Coimbra | São Paulo 2015

UA Editora - Universidade de Aveiro | Imprensa da Universidade de Coimbra | Annablume

Este volume resulta de várias iniciativas desenvolvidas no âmbito do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” (<http://amatolusitano.web.ua.pt>), recolhendo contribuições de mais de duas dezenas de colaboradores, tanto de membros da equipa como de outros investigadores nacionais e estrangeiros. Entre os eventos que estiveram na origem deste livro destacam-se as três edições do Ciclo de Conferências promovido pelo projecto, realizadas entre 2010 e 2013, e sobretudo o Colóquio Internacional “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, que decorreu no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro, nos dias 21 e 22 de Novembro de 2013.

O objectivo principal do projecto é a edição e tradução para português dos dois livros que Amato Lusitano dedicou ao comentário do tratado grego *De materia medica* de Dioscórides, ou seja, o *Index Dioscoridis* (Antuérpia, 1536) e as *In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque... enarrationes* (Veneza, 1553), estando contemplada, também, a tradução de mais duas obras directamente correlacionadas com os livros do médico português: a montante, a do próprio tratado grego de Dioscórides; a jusante, a do livro intitulado *Apologia adversus Amathum Lusitanum* (Veneza, 1558) de Pietro Andrea Mattioli.

OBRA PUBLICADA COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA DE:

Centro de Línguas, Literaturas e Culturas
da Universidade de Aveiro

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
da Universidade de Coimbra

Cátedra de Estudos Sefarditas “Alberto
Benveniste” da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE

CARLOS DE MIGUEL MORA

JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO

2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANNABLUME

HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

EDIÇÃO

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO EDITORIAL

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE
CARLOS DE MIGUEL MORA
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO

DESIGN DA CAPA MEIOKILO DESIGN STUDIO

DESIGN
CARLOS COSTA

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

SERSILITO • MAIA

ISBN

UA • 978-972-789-434-5
IUC • 978-989-26-0940-9

ISBN DIGITAL

UA • 978-972-789-435-2
IUC • 978-989-26-0941-6

DOI

<http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0941-6>

DEPÓSITO LEGAL 368241/13

TIRAGEM 500 Exemplares

© 2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

COMISSÃO CIENTÍFICA

António Manuel Lopes Andrade
Carlos de Miguel Mora
Delfim Ferreira Leão
Henrique Leitão
João Manuel Nunes Torrão
Maria de Fátima Reis
Maria do Céu Zambujo Fialho
Miguel Ángel González Manjarrés

TEXTOS

Adelino Cardoso
Ana Leonor Pereira
Ana Margarida Borges
António Guimarães Pinto
António Maria Martins Melo
Bernardo Mota
Carlos A. Martins de Jesus
Carlos de Miguel Mora
Cristina Santos Pinheiro
Donald Beecher
Emília Oliveira
Isabel Malaquias
James W. Nelson Novoa
Joana Mestre Costa
João Manuel Nunes Torrão
João Rui Pita
Jorge Paiva
José Sílvio Moreira Fernandes
Maria de Fátima Silva
Miguel Ángel González Manjarrés
Rui Manuel Loureiro
Telmo Corujo dos Reis
Teresa Nobre de Carvalho
Vinícius B. Lupis
Virgínia Soares Pereira

HUMANISMO E CIÊNCIA

Antiguidade e Renascimento

ANTÓNIO MANUEL LOPES ANDRADE
CARLOS DE MIGUEL MORA
JOÃO MANUEL NUNES TORRÃO
(COORDS.)

AVEIRO • COIMBRA • SÃO PAULO
2015

UA EDITORA • UNIVERSIDADE DE AVEIRO
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
ANNABLUME

**OBRA PUBLICADA
COM A COORDENAÇÃO
CIENTÍFICA DE:**

**CENTRO DE LÍNGUAS,
LITERATURAS E CULTURAS DA
UNIVERSIDADE DE AVEIRO**

**CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS DA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA**

**CÁTEDRA DE ESTUDOS SEFARDITAS
"ALBERTO BENVENISTE"
DA FACULDADE DE LETRAS DA
UNIVERSIDADE DE LISBOA**

universidade de aveiro  **cllc** centro de línguas, literaturas e culturas

 **ECH** CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
da Universidade de Coimbra



SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
1) HUMANISMO E CIÊNCIA	11
1.1 “Teofrasto, <i>Tratado das plantas</i> . No alvor de uma nova ciência”	13
<i>Maria de Fátima Silva</i>	
1.2 “Francisco de Melo e os fragmentos de teoria óptica de Pierre Brissot”	21
<i>Bernardo Mota</i>	
1.3 “Algumas reflexões sobre as pedras preciosas nos <i>Colóquios dos simples</i> de Garcia de Orta”	37
<i>Rui Manuel Loureiro</i>	
1.4 “Estratégias, patronos e favores em <i>Colóquios dos Simples</i> de Garcia de Orta”	63
<i>Teresa Nobre de Carvalho</i>	
1.5 “As plantas na obra poética de Camões (épica e lírica)”	95
<i>Jorge Paiva</i>	
1.6 “Nicolás Monardes, John Frampton and the Medical Wonders of the New World”	141
<i>Donald Beecher</i>	
1.7 “Literatura e Medicina: alguns textos de Justo Lúpsio e de dois doutores Luís Nunes”	161
<i>António Guimarães Pinto</i>	
1.8 “Ontologias e idiosincrasias dos Amantes, à luz da <i>Archipathologia</i> de Filipe Montalto”	211
<i>Joana Mestre Costa & Adelino Cardoso</i>	
1.9 “Gabriel da Fonseca. A New Christian doctor in Bernini’s Rome”	227
<i>James W. Nelson Novoa</i>	

2) DIOSCÓRIDES E O HUMANISMO PORTUGUÊS:	
OS COMENTÁRIOS DE AMATO LUSITANO	249
2.1 “Léxico científico português nos <i>Comentários</i> de Amato: antecedentes e receção”	251
<i>Ana Margarida Borges</i>	
2.2 “Usos medicinais das plantas, em Amato Lusitano: o bálsamo”	275
<i>António Maria Martins Melo</i>	
2.3 “Amato Lusitano e a importância da ilustração botânica no século XVI. Em torno das edições líonenses das <i>Enarrationes</i> (1558)”	303
<i>Carlos A. Martins de Jesus</i>	
2.4 “Sobre la identificación entre ébano y guayaco en una entrada del <i>Index Dioscoridis</i> de Amato Lusitano”	317
<i>Carlos de Miguel Mora</i>	
2.5 “Os partos distócicos em Amato Lusitano e em Rodrigo de Castro: fontes, doutrinas e terapias greco-romanas”	353
<i>Cristina Santos Pinheiro</i>	
2.6 “Do carvalho ao castanheiro: usos e propriedades medicinais de fagáceas nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano”	373
<i>Emília Oliveira</i>	
2.7 “O mundo mineral nos <i>Comentários</i> a Dioscórides de Amato Lusitano”	387
<i>Isabel Malaquias & Virgínia Soares Pereira</i>	
2.8 “Alguns comentários de Amato: entre a estranheza e a realidade”	413
<i>João Manuel Nunes Torrão</i>	
2.9 “Caracterização e usos terapêuticos de produtos de origem marinha nos <i>Comentários</i> de Amato Lusitano a Dioscórides”	425
<i>José Sílvio Moreira Fernandes</i>	
2.10 “La mandrágora de Amato Lusitano: edición, traducción y anotación”	449
<i>Miguel Ángel González Manjarrés</i>	
2.11 “O vinho e os vinhos — usos e virtudes de um dom dos deuses nas <i>Enarrationes</i> de Amato Lusitano”	467
<i>Telmo Corujo dos Reis</i>	
2.12 “Amatus Lusitanus e Didaco Pirro: due ebrei portoghesi e cerchia umanistica di Dubrovnik”	481
<i>Vinicije B. Lupis</i>	
2.13 “Estudos contemporâneos sobre Amato Lusitano”	513
<i>João Rui Pita & Ana Leonor Pereira</i>	

Amato Lusitano e a importância da ilustração botânica no século XVI. Em torno das edições lionesas das *Enarrationes* (1558)¹

CARLOS A. MARTINS DE JESUS²

RESUMO:

O presente estudo revisita a polémica questão da reedição das *Enarrationes* de Amato em Lyon (França), em 1558, encargo compartilhado por quatro casas editoriais. Mais especificamente, busca averiguar as circunstâncias em que essa reedição recebeu, pela primeira vez, a inclusão de gravuras, reproduções à escala das placas das gravuras do *De historia stirpium* de Fuchs (1542). Naquilo que pretende ser uma discussão sobretudo do âmbito das políticas e práticas da edição científica da segunda metade de Quinhentos, o caso da obra de Amato é sem dúvida paradigmático, seja pela ausência, seja pela presença (cada vez mais necessária) de gravuras.

PALAVRAS-CHAVE:

Amato Lusitano; ilustração botânica; P. A. Mattioli; Dioscórides.

ABSTRACT:

This paper aims to revisit the polemics around the 1558' edition of Amato's *Enarrationes* in Lyon (France), an assignment made by four publishers. In a more strict way, it aims to look for the circumstances that made this edition the first one to include pictures, scale-made reproductions of the engravings produced to Fuchs' *De historia stirpium* (1542). In a paper that intends to be a discussion on the political and practical contexts of scientific edition in the second half of the sixteenth century, Amatus' work is indeed paradigmatic, both for the absence and the (more and more necessary) presence of pictures.

KEYWORDS:

Amatus Lusitanus; bothanical engravings; P. A. Mattioli; Dioscorides.

- 1 Este trabalho foi desenvolvido no âmbito do projecto de I&D "Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano" (<http://amatolusitano.web.ua.pt>) do Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, financiado por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto FCOMP-01-0124-FEDER-009102.
- 2 Investigador de Pós-doutoramento pela FCT — Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra: carlosamjesus@gmail.com. Referência: SFRH/BPD/84291/2012.

Nos anos em que desenvolveram a sua atividade de médicos e intelectuais botânicos figuras como Amato Lusitano ou Garcia de Orta, qualquer discussão séria sobre botânica medicinal contemplava já, enquanto objeto científico e não meramente estético ou lúdico, a observação e comparação de ilustrações das plantas e substâncias naturais em causa. A obra de Dioscórides (e nesta categoria se incluem as traduções e comentários, tantas vezes extensíssimos, ao texto grego), mas também um vasto conjunto de herbários e textos críticos contemporâneos sobre a matéria eram frequentemente acompanhados de amplos repertórios iconográficos, tarefa que, como bem se compreende, muito lucrou com a implantação da imprensa. Como tal, é correto considerar a conjugação do livro impresso com a estampa científica um factor decisivo para o desenvolvimento, em termos gerais, da ciência moderna. O certo, contudo, é que nenhuma destas obras — às *Enarrationes* de Amato e aos *Colóquios* de Orta nos referimos —, num primeiro momento, foi dada à estampa acompanhada de gravuras, naquilo que constituiu, para o tempo da sua edição e impressão (1553 e 1563, respetivamente), no mínimo uma prática pouco comum.

O presente estudo debruça-se sobre o caso concreto das *Enarrationes*, os extensos comentários de Amato Lusitano à obra de Dioscórides que, em 1558, saíram dos prelos de quatro casas editoriais lionesas acompanhadas de gravuras. Buscaremos, por via desse exemplo, averiguar a lógica editorial (que é sobretudo economicista) da impressão de gravuras científicas em meados de Quinhentos. Antes, porém, algumas considerações gerais se impõem.

Sabemos que o próprio Dioscórides, para estes médicos e botânicos quinhentistas o modelo ao qual era impossível não recorrer, já se terá servido das ilustrações de Cratevas, que anos antes tinha elaborado um tratado sobre plantas medicinais que incluía desenhos das principais espécies³. No mesmo século, Plínio (*História Natural* 25.8) menciona diversos autores antigos que, trabalhando e escrevendo sobre as plantas e as virtualidades terapêuticas que lhes são inerentes, “reproduziram a cores as plantas para escrever, por baixo, os seus efeitos”. Mas acrescenta: “[é que] a pintura é enganosa (*verum et pictura fallax*), já que são imensas as cores a utilizar, em especial se se pretende rivalizar com a natureza, e esta resulta muito alterada pelos acasos da cópia.” Assim, aquilo que inicialmente procurou ser um instrumento de clarificação — à ilustração botânica nos referimos —, ditariam as limitações técnicas que se tornasse um impedimento à boa interpretação e ao conhecimento de determinada planta.

Apenas a criação da imprensa, e com ela a possibilidade de reproduzir em série também as gravuras, ultrapassaria este problema. Os desenhos e pinturas de artistas ativos já em finais do século xv como Da Vinci (1452-1519) e Dürer (1471-1528) demonstram já, no dealbar de Quinhentos, como se buscava um aperfeiçoamento, em simultâneo científico e artístico, na representação da natureza, da sua fauna e flora, tendência cedo aproveitada pelos editores, tradutores e comentadores de Dioscórides. Uma das obras mais marcantes a este nível foi o

3 M. GARCÍA VALDÉS, *Dioscórides. Plantas y Remedios Medicinales*. Madrid, Gredos, 1998, 2 vols., p. 27.

De historia stirpium commentarii insignes que, em 1542, Leonhart Fuchs fez sair em Basileia (fig. 1). Tratava-se de uma obra monumental em tamanho fólho, adornada de ricas ilustrações que ocupavam por vezes duas páginas inteiras. Diferente de outras edições, as ilustrações de Fuchs⁴ buscam ser esquemáticas e reduzir-se aos traços e cores essenciais, tentando, pelo uso de traços finos e pela recusa de sombreados, uma maior clareza descritiva.

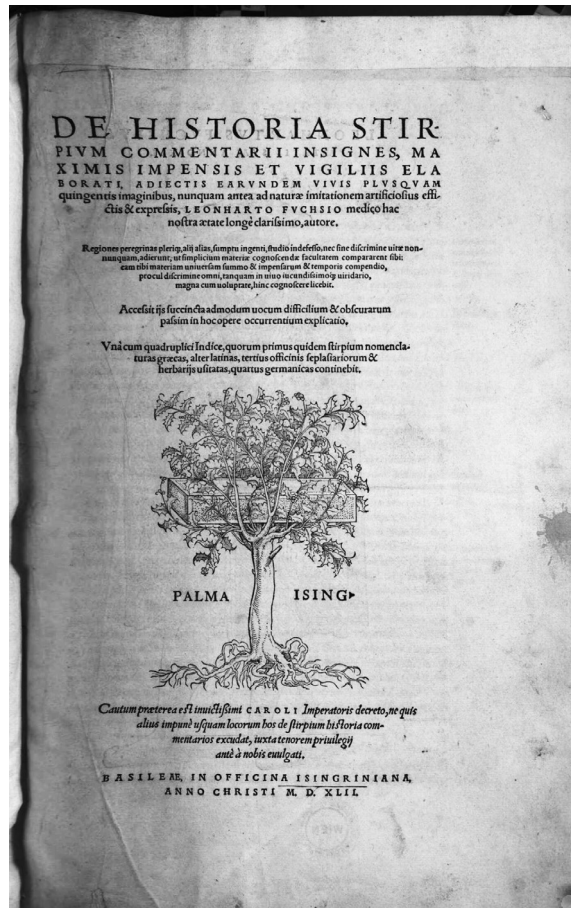


Figura 1

4 Sabemos da imensa fortuna destas ilustrações por toda a Europa, elas que, como as de outras edições, foram incluídas em distintas edições em diversos idiomas e mesmo publicadas isoladamente enquanto índices iconográficos (sem o texto). Isto, claro, tornou-as muito conhecidas e fez com que, por exemplo, ainda em 1574, fossem reproduzidas na obra *Anleitung zu der Pflanzenkenntniss* de Salomon SCHINZ.

Não menos importante, a própria natureza das edições que se iam sucedendo torna claro que os seus autores tinham consciência do uso de que seriam alvo, ou seja, de que cada vez mais o assunto da botânica medicinal importava a um maior número de gente, especialistas e simples interessados, pelo que importava tornar materialmente mais acessíveis estas edições. O monumental volume de Fuchs conheceria, pela mão da mesma casa editorial que pela primeira vez o publicou, uma série de edições mais ligeiras em formato de quarto e oitavo de fôlio, as mais das vezes com o texto reduzido ou mesmo publicando, em exclusivo, o índice das plantas em vários idiomas, sempre acompanhado das ilustrações. Ciência, alta cultura e artes plásticas caminhavam, portanto, de mãos dadas, naquilo que também constitui um dos muitos reflexos da importância que os intelectuais renascentistas passam a conferir à natureza, ao homem e sobretudo à experimentação.

As *Enarrationes* de Amato Lusitano (*In Dioscoridis Anazarbei de medica materia libros quinque enarrationes*, esse o título da primeira edição), como é sabido, foram por primeira vez editadas em Veneza em 1553, edição que nessa cidade, segundo J. Alves Dias (2011: 71), conheceu três impressões ou “estados de venda”: a referida (e pouco rigorosa) edição de 1553 na casa editorial de Gualtiero Scoto, uma reimpressão desta com portada renovada, na casa de Giordano Ziletti, em 1557 e, pelo mesmo editor, outra edição no mesmo ano. A obra voltou a ser impressa, desta feita em Estrasburgo, pela casa de Wendelin Rihel, em 1554 — o mercado e a academia alemães eram, obviamente, do interesse de Amato —, antes de, em 1558, conhecer quatro impressões em quatro casas editoriais distintas de Lyon, em França — aquelas sobre as quais nos debruçaremos. Nestas, a principal novidade são as gravuras que são acrescentadas ao texto, cuja importância (e investimento) as torna merecedoras de figurar no título impresso: *In Dioscoridis Anazarbei De medica materia libros quinque, Amati Lusitani doctoris medici ac philosophi celeberrimi enarrationes eruditissimae. Accesserunt huic operi praeter correctiones Lemmatum, etiam adnotationes R. Constantini, necnon simplicium picturae ex Leonharto Fuchsio, Jacobo Dalechampio, atque aliis.*

Este título é, com efeito, comum aos quatro estados de impressão da obra, nas quatro casas editoriais que, nesse mesmo ano, terão dividido os seus elevados custos de produção e incertos lucros de venda (apud J. Alves Dias 2011: 9): *apud viduam Balthazaris Arnoleti* (fig. 2a), *apud Gulielmum Rouillium* (fig. 2b), *apud Theobaldum Paganum* (fig. 2c) e *apud Mathiam Bonhomme* (fig. 2d). O exame que nos foi possível fazer destes quatro estados de impressão comprovou, a nossa vista, que apenas a portada e o aditamento (e, necessariamente, a paginação do primeiro caderno) foram alterados, mantendo-se os textos e as ilustrações os mesmos ao longo da obra. Todas as impressões, de resto, apresentam no último fôlio, antes do caderno com o apêndice iconográfico de 30 gravuras de Daléschamps, a referência “Lugduni excudebat Vidua Balthazaris Arnolleti” — o que, desde logo e com a concordância de dados que em seguida forneceremos, confere à casa editorial de Arnoletto, no mínimo, a iniciativa de editar e imprimir a obra em Lyon.

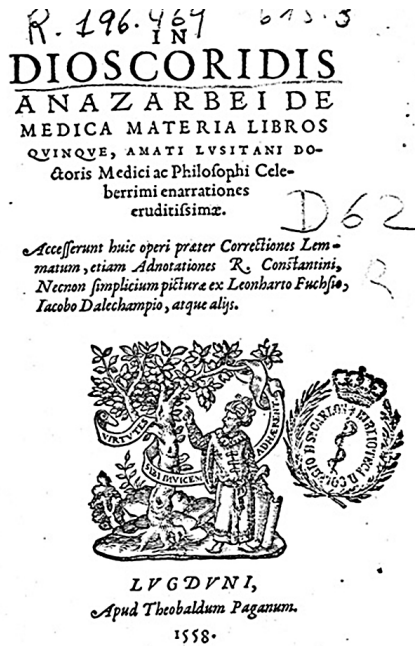
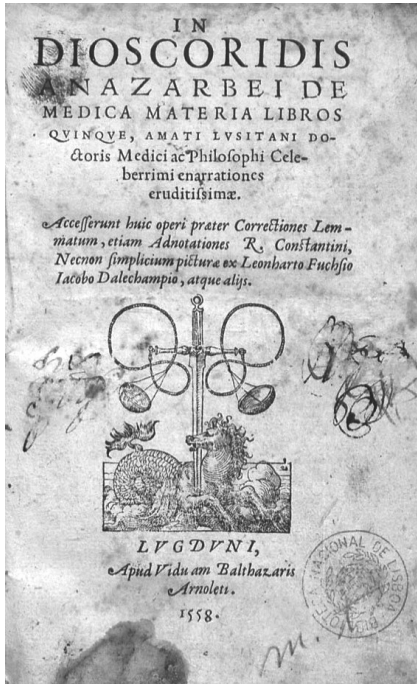


Figura 2 [a,b,c,d]

O novo e extenso título que a obra de Amato recebe em terras lionesas (e que os quatro impressores reproduzem sem alteração) anuncia a participação, enquanto corretor e anotador, do médico francês Robert Constantin (1530?-1605), ele que, nesse mesmo ano de 1558, publicaria isoladamente umas *Annotationes et correctiones lemmatum in Dioscoridem, extant cum Amati Lusitani ad eundem commentaria*. A profundidade da sua intervenção e comentários ao texto de Amato, bem assim a extensão dos seus comentários – evidente na organização visual do fólio –, além de ter justificado a impressão de um volume isolado, leva-nos a suspeitar que o que estava em causa não seria, simplesmente, imprimir o texto de Amato, antes aproveitá-lo para fazer publicar também a obra de um famoso e reconhecido médico francês.

Mas anuncia o título, de igual forma, a inclusão de gravuras de Leonhardt Fuchs, de quem acima já falámos, e de Jacques Daléschamps. Do último, médico que se tornaria um dos mais importantes botânicos franceses do século XVI, sobretudo a partir da publicação do seu *Historia generalis plantarum* (1586-87; 1616), fazem-se imprimir no final da obra 30 gravuras (fig. 3) de espécies regra geral não ilustradas ao longo do volume (ou mesmo pela edição de Fuchs). O que, ao que sabemos, não foi até agora notado, é que a edição *apud Theobaldum Paganum* — ou, pelo menos, um conjunto de exemplares seus, entre os quais os que nos foi dado consultar — é a única que não imprime este apêndice. Não sendo claras as razões desta discrepância na edição de Paganum, o certo é que os fólhos com o apêndice iconográfico de Daléschamps constituiriam um caderno à parte, fácil de imprimir ou não em determinado momento. Ainda assim, como se disse já e facilmente se compreende, o título impresso mantém-se inalterado.

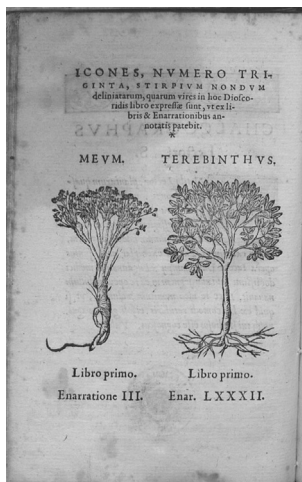


Figura 3

Não obstante, é às outras, às gravuras que acompanham os comentários e que confessadamente são retiradas da obra de Fuchs que pretendemos reportar-nos. O título é claro e honesto, diríamos, ao anunciar que a obra que agora se imprime contém “simplicium picturae ex Leonharto Fuchsio”, pelo que não há qualquer pretensão de ocultar a origem das gravuras. O sintagma “ex Leonharto Fuchsio”, no contexto editorial e de impressão que era o destas obras, nesses meados do século XVI, indica claramente não a “inspiração em” (nesse caso seria *apud* a preposição utilizada), antes a cópia desse modelo original, a abertura de novas gravuras na madeira (de igual formato ou à escala, as mais das vezes) e a sua utilização a propósito da impressão de outra obra, mais frequentemente ainda num conjunto de obras ou em diversas reimpressões de um mesmo título⁵.

Um exame minimamente atento dos quatro estados de impressão da “obra de Amato” em 1558 basta para concluir que são as mesmas as gravuras e, mais em pormenor, que muito provavelmente foram as mesmas as placas de madeira utilizadas pelas quatro casas editoriais. Sobre estas, sabemos que foram abertas por Clément Boussy a pedido do editor Arnoletto, que com esse gravador parisiense firmara em 1547 um contrato de colaboração, segundo informa a *Bibliographie lyonnaise (Recherches sur les imprimeurs, libraires, relieurs et fondeurs de lettres de Lyon au XVI^e siècle)*. Boussy, é de crer, teria sido contratado para iniciar a reprodução à escala das gravuras do *De historia stirpium* de Fuchs (1542), trabalho concluído em 1549, data em que as referidas gravuras (precedidas de um retrato à escala do próprio alemão) foram incluídas na edição lionesa de Arnoletto do herbário de Fuchs (fig. 4).

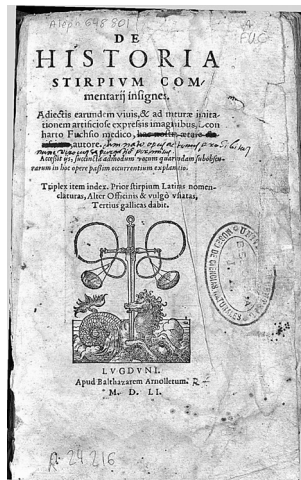


Figura 4

5 Sobre os processos, técnicas, custos e reutilizações das gravuras científicas ao tempo vd. o estudo recente de S. KUSUKAWA, *Picturing the Book of Nature. Image, Text, and Argument in Sixteenth-Century Human Anatomy and Medical Botany*. Chicago, University of Chicago Press, 2012, pp. 26-97.

Na realidade, a casa de Arnoletto fez um aproveitamento múltiplo do investimento monetário e de tempo (ambos por certo elevados) implicado na execução destas gravuras: além da edição do herbário de Fuchs, em tamanho de quarto de fôlio (232 x 168 mm.), as gravuras foram impressas em volume de oitavo de fôlio, no mesmo ano e sem qualquer texto (apenas o nome da planta em várias línguas), no *Plantarum effigies e Leonarcho Fuschio ac quinque diversis linguis redditae* (fig. 5), sendo depois reutilizadas para a edição dos comentários de Amato ao *De materia medica* de Dioscórides, de si mesmos comentados por Constantin, em 1558⁶. A partir daqui, as placas de madeira terão circulado pelas demais três casas editoriais que no mesmo ano de 1558 imprimiram a obra.

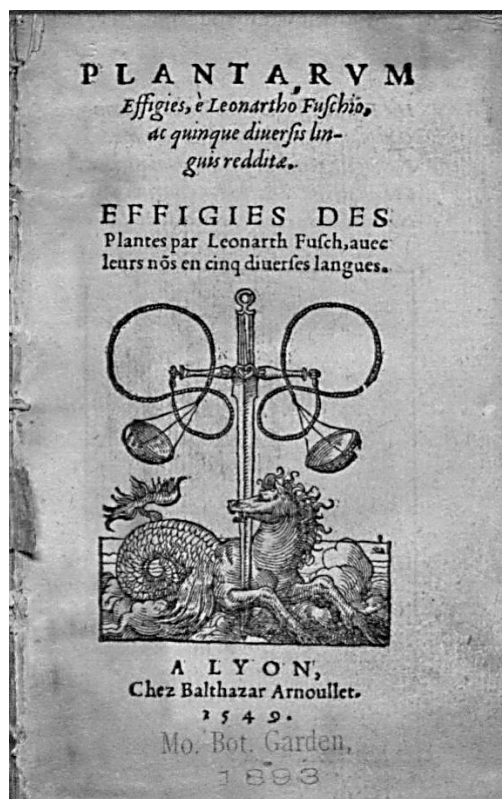


Figura 5

6 As gravuras foram também utilizadas na versão francesa do herbário de FUCHS, que a casa de Arnoletto fez sair em 1550 sob o título *L'Historie des plantes mis en commentaires*.

Uma comparação simples das gravuras nos referidos seis estados de impressão (a reimpressão do herbário de Fuchs, o *Plantarum effigies*⁷ e as quatro impressões da obra de Amato) basta para perceber que são as mesmas as gravuras e, mais em detalhe, que algumas marcas de impressão denunciam mesmo a utilização das mesmas placas pelas quatro casas editoriais envolvidas. A prática era de facto frequente, e parecem ser os elevados custos envolvidos na feitura de novas placas (sobretudo as de ilustrações) os responsáveis: era necessário, no mínimo, a colaboração de um desenhador (que esboçava as ilustrações à vista da planta original, ou, em alguns casos, por via das descrições dela conhecidas) e de um gravador, figuras (três, no seu caso) às quais Fuchs quis prestar homenagem — por via da arte que eles mesmo dominavam — ao incluir o seu retrato na última página do *De historia stirpium* (fig. 6). No caso, dois indivíduos (os de cima) recebem a designação latina de *pictureres*, nomeadamente Albrecht Meyer e Heinrich Füllmaurer; mas é a figura de baixo, Veit Rudolf Specklin, especialista na abertura de gravados em placas de madeira, o artista mais considerado pelo próprio Fuchs. Sabemos que a sua tarefa era paga entre duas e cinco vezes mais cara do que a dos desenhadores⁸, pelo que a ele era atribuída a autoria artística das ilustrações.



Figura 6

7 No mesmo ano de 1549, conheceu o prelo a versão francesa.

8 Cf. S. KUSUKAWA, *Picturing...*, op. cit., p. 45 e n. 62.

Em rigor, como notou S. Kusakawa⁹, a reprodução das gravuras de Fuchs, a partir da gravação de novas placas de madeira, em tamanho reduzido, depois utilizadas em todos os momentos editoriais que vimos, estava em princípio coberta pela legalidade. O autor alemão havia obtido um privilégio imperial com data de 27 de maio de 1554, por cinco anos, que cobria também os direitos de reprodução das placas de madeira das suas gravuras¹⁰. Ou seja, ao contratar Clément de Boussy em 1547, o editor Arnoletto (que morreria antes de ver a tarefa concluída) estava a prever o tempo necessário para a execução das placas, de forma a imprimir o volume já expirado o privilégio imperial de cinco anos de que estas gozavam, no decurso do ano de 1549.

Não que isto fosse necessário para justificar Amato. Dito de outra forma, nem é nosso propósito justificá-lo, nem há, em rigor, qualquer necessidade de o fazer. Com efeito, sabemos que o português não estaria sequer perto de França aquando da reimpressão da sua obra em Lyon, pelo que é opinião generalizada que não terá acompanhado a preparação da obra. Como tal, as críticas que lhe são tecidas, por Mattioli e outros (e já teremos ocasião de ler uma), a propósito do mau entendimento ou simples desconhecimento de Fuchs, não têm que ver com a escolha das gravuras do alemão, antes com o entendimento dos comentários deste. A escolha das figuras, como dos comentários de Constantin é de responsabilidade editorial, nesta categoria se enquadrando a possível atividade de seleção iconográfica que Daléschamps terá feito sobre o *corpus* pictórico da obra de Fuchs. Daí que, naquilo que A. Rasteiro (2006: 33) considera terem sido “edições piratas”, executadas à pressa e “contra o tempo” — opinião sobre a qual em breve diremos algumas palavras —, seja natural encontrarmos erros, não tão pequenos quanto isso, na relação comentário-gravura. Por exemplo, das duas gravuras que ilustram o verbete “De tritico”, uma corresponde na realidade à cevada, além de vir depois repetida no capítulo “De hordeum”.

Amato não era, em terras francesas, um autor desconhecido¹¹. Em Lyon, editara já em 1556 a *Terceira e Quarta Centúrias*, além de que a *Primeira e Segunda Centúrias* haviam sido editadas em Paris, entre 1552 e 1554. Pouco se sabe da relação que teria o Albicastrense com os indivíduos envolvidos na empresa editorial lionesa, mas um ou outro dado conservamos que, no mínimo, nos leva a repensar a teoria difundida de que as edições lionesas de Amato teriam sido “piratas”, completamente à margem da vontade de Amato. Se, na Memória 66^a da *Terceira Centúria* (concluída em 1552), quando alude ao encontro com um médico poliglota e alemão de nome Constantino, não é de crer que Amato esteja a referir-se ao comentador francês¹²,

9 Cf. S. KUSUKAWA, *Picturing...*, op. cit., pp. 85-86.

10 Vd. S. KUSUKAWA, *Picturing...*, op. cit., pp. 84-89 para os detalhes e motivações deste privilégio.

11 Vd. J. Alves DIAS, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos xvi e xvii*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Históricos e Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos, 2011, p. 72.

12 Acerca deste indivíduo pergunta A. RASTEIRO, “Escorbuto, pepinos, inquisição e opúncias na época de Amato Lusitano (1511-1568)”, *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século xx. Cadernos*

a experiência editorial em terra francesas a que já aludimos, bem como essa outra, posterior a 1558, em especial com a casa editorial de Guilherme Rouillium, uma das responsáveis pela impressão lionesa das *Enarrationes* na qual saíram, a partir de 1564, as *Centúrias*, todos estes dados nos parecem apontar no sentido de que Amato, ainda que exilado do outro lado do Adriático, fosse um autor conhecido e respeitado por essas paragens.

O que estamos a defender é que, se por um lado parece de aceitar que Amato não terá procedido ao controlo e revisão da obra que aí era editada — algo que, no panorama editorial em causa, sequer constituiu um caso isolado ou especial —, por outro a opção destas casas editoriais por editar os comentários a Dioscórides do autor português — aos quais se acrescentava a revisão e os comentários de um médico francês de renome, Robert Constantin — buscava mais do que publicar um comentário barato, por não ser do conhecimento do seu autor. A prosa de Amato merecera as maiores críticas (logo, necessariamente, a maior atenção) de Mattioli, talvez o maior especialista em botânica medicinal do tempo. Mattioli, no ano de 1558, passou a fazer imprimir uma *Apologia adversus Amathum Lusitanum* na abertura da sua edição latina amplamente comentada de Dioscórides, texto que sabemos que vinha já a preparar há algum tempo¹³. Publicar os comentários de Amato, portanto, era também publicar um dos estados mais completos da discussão científica botânica em torno de Dioscórides, assunto tão em voga e gerador de polémicas tão acesas.

A questão está na legitimidade desta responsabilização (a do uso das gravuras de Fuchs), que não pode cair sobre o autor, nem sequer sobre os editores. Como se viu, a elaboração de novas placas a partir das ilustrações de Fuchs, por primeira vez impressas em 1549, era legal. Depois, a prática de reutilização de gravuras por decisão editorial e à margem da vontade e do controle do autor do texto era de facto frequente, sobretudo com estes autores religiosamente comprometidos e por isso mesmo geograficamente mais inacessíveis (mais inacessíveis ainda do que estaria qualquer pessoa de outro país, no século XVI). Depois, a questão sequer se põe. Em 1558, quando lançou a *Apologia* (que sabemos, como acima se disse, estar a ser preparada há já bastante tempo), Mattioli não tinha como ter visto uma edição ilustrada (pelas reproduções

de Cultura 20 (2006), p. 34: “será o comentador das edições de Lyon e se terá alguma ligação com a tipografia de Baltasar Constantino, de Veneza, que em 1557 editou as primeiras quatro *Centúrias*”. Se a primeira hipótese nos parece pouco provável, como dissemos, a propósito da segunda tampouco tivemos como chegar a conclusões seguras.

13 MATTIOLI, que utiliza como mote para a sua *Apologia* uma carta de aviso que acabara de receber da parte de Partini, preparava já desde 1553, ano da primeira edição das *Enarrationes*, a resposta a Amato. Isso se depreende de uma carta sua a Ulisse Aldrovandi, de 21 de Novembro de 1553, na qual confessa estar ocupado com as “risposte et obiettoni al lusitano”. Ao que nos foi dado saber, o primeiro a notar a importância desta carta a Aldrovandi foi Harry FRIEDENWALD, “Amatus Lusitanus”: *Bulletin of the Institute of the History of Medicine* 5 (1937), p. 622. Vd. J. M. VALDERAS, “La polémica en la investigación botánica del siglo XVI. Mattioli contra Lusitano”, *Collectanea Botanica* 25.2 (2000), p. 268 e n. 67.

de Fuchs) da obra de Amato. Não obstante, a interpretação da imagem plástica, descrita ao pormenor mesmo nas obras não acompanhadas de ilustrações, era algo corrente.

Quando por exemplo, na 16^a calúnia refutada por Mattioli na *Apologia*, o italiano critica o desconhecimento de Fuchs a propósito da *sideritis*, fá-lo apenas e só pelo que a propósito de si próprio (Mattioli) dissera Amato no texto das *Enarrationes*, já desde a primeira edição de 1553; estaria irritado, sobretudo e como bem denuncia, pelo facto de o Albicastrense o acusar de afirmar que Fuchs desconhecia essa espécie:

E não refutarei com muitas palavras o que objetas acerca da *sideritis*, a propósito da qual cada vez mais pões a nu a tua ignorância da botânica, ao escreveres assim: “Encontra-se esta *sideritis* em muitos vales, tem folha áspera, do tamanho da da salva e esbranquiçada como a do *marrubius* e dentada em volta como a do carvalho, e esfregada exala de si um odor semelhante ao que vemos provir dos marmelos muito maduros, que Dioscórides subentende ao dizer que tem um gosto não desagradável, com alguma adstringência. Parece que Fuchs, no seu *Herbarium*, a conheceu, embora Mattioli sustente o contrário. Mas a verdade é que Mattioli nunca a viu, porque, se a tivesse conhecido, [v^o] nunca teria omitido o seu odor muitíssimo agradável.” (...) De facto não ignoro esta espécie, consoante cuida o Lusitano, mais com o seu desatino do que ciência. Mas provavelmente não se desviaria do alvo quem dissesse que o Lusitano em lugar algum viu a *sideritis* de Fuchs, a não ser pintada, pelo que falsamente escreve que esta *sideritis* nasce nos vales, onde ordinariamente o solo costuma ser húmido, ao passo que tanto Fuchs como Dioscórides dizem que em lugares sáfaros, fragosos e incultos.¹⁴

Dito de outro modo, parece-nos que a riqueza do texto de Mattioli, nos pontos em que alude à má interpretação de Fuchs por parte dos comentários de Amato, reside na perfeita síntese que faz da natureza e dos processos da mais alta investigação científica em botânica medicinal, nesses meados de Quinhentos. As descrições de botânicos de diversas origens são comparadas ao mais ínfimo detalhe, cotejadas com as ilustrações disponíveis, na mais perfeita fusão entre artes plásticas, literatura e ciência. A tudo isto se acrescenta o imenso valor da experiência, o contacto direto com a espécie, o seu cheiro, textura, sabor e sensação ao tacto.

Nos *Coloquios dos simples, e drogas he cousas mediçinais da India*, publicados além-mar em 1563, escutamos Garcia de Orta afirmar, a propósito do Amomo (Col. 4: vol. 1, p. 60):

14 Agradecemos a António Guimarães PINTO a cedência desta parcela de tradução da *Apologia*, fruto do trabalho realizado no âmbito do projeto de I&D «Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano», cuja publicação está prevista futuramente sob a chancela da Fundação Calouste Gulbenkian.

E derão me huma mostra de amomum, que eu trouxe a Goa, mostreya aos boticários, e cotejeya com huns debuxos dos simples de Dioscorides; e a todos nos pareceu conforme ao debuxo, e aos ditos dos escritores, e ainda que estava seca, bem parecia feita á feição de *pé de pomba*.

Orta, investigando e escrevendo na Índia, lidava com edições de *debuxos dos simples*, como lhes chama, muito anteriores a meados de Quinhentos. Sabemos da riquíssima edição do herbário de Fuchs, em 1542, mas há que olhar para este último já como um marco importante na reforma e desenvolvimento da gravura botânica científica, como especialista que contava já, detrás de si, com uma longa tradição. Daí que tanto o seu livro (o de Orta), como o de Amato (os de Amato, aliás), pela primeira vez editados sem ilustrações, tivessem nisso mesmo um calcanhar de Aquiles no que à divulgação das suas investigações diz respeito.

Ainda assim, por um lado, foram muito lidos e levados em conta pelos mais afamados especialistas europeus; e sobretudo por isso, por outro, ambos conheceriam reedições “ilustradas” ainda em anos de sua vida (Orta em 1567, na versão latina de Charles de l’Écluse; Amato nas impressões lionesas de 1558). Pouco se sabe, é certo, da participação de ambos nestas reedições. O próprio adjetivo ‘ilustradas’, inevitável, deve ser tomado com cautela, porquanto sabemos que nem sempre era óbvio ou sequer existente uma relação direta texto/ imagem. Contudo, colocado este *pouco* ao lado do *muito (algo mais)* que sabemos da *cotação científica* europeia de ambos, e pese embora a situação religiosa no mínimo limitadora e desconfortável que lhes era igualmente comum, tampouco nos convence a radical exclusão da sua participação nestas empresas editoriais. Sobretudo a de Amato, demasiado relacionado editorialmente com o território francês e lionês em concreto, demasiado conhecido e comentado ao mais alto nível na Europa culta; um intelectual maduro e em final de vida (pelos anos de 1558), com a mais ampla rede de contactos perfeitamente constituída; muitos demasiados afinal para que aceitemos, sem mais, a sua total marginalidade no processo editorial lionês.

BIBLIOGRAFIA CITADA

- DIAS, J. Alves, *Amato Lusitano e a sua obra: séculos XVI e XVII*. Lisboa, Biblioteca Nacional de Portugal, Centro de Estudos Históricos e Centro Editor Livreiro da Ordem dos Médicos, 2011.
- FRIEDENWALD, H., “Amatus Lusitanus”, *Bulletin of the Institute of the History of Medicine* 5 (1937), pp. 603-653.
- GARCÍA VALDÉS, M., *Dioscórides. Plantas y Remedios Medicinales*. Madrid, Gredos, 1998, 2 vols.
- KUSUKAWA, S., *Picturing the Book of Nature. Image, Text, and Argument in Sixteenth-Century Human Anatomy and Medical Botany*. Chicago, University of Chicago Press, 2012.
- ORTA, Garcia de, *Colóquios dos Simples e Drogas da India [Goa, 1563]*, dir. e notas por Conde de FICALHO, 2 vols. Lisboa. Academia Real das Ciências de Lisboa/Imprensa Nacional, 1891-1895.
- RASTEIRO, A., “Escorbuto, pepinos, inquisição e opúncias na época de Amato Lusitano (1511-1568)”, *Medicina na Beira Interior. Da Pré-História ao Século xx. Cadernos de Cultura* 20 (2006), pp. 23-36.
- VALDERAS, J. M., “La polémica en la investigación botánica del siglo XVI. Mattioli contra Lusitano”, *Collectanea Botanica* 25.2 (2000), pp. 255-304.

A partir dos alvares do século XVI, a matéria médica torna-se indiscutivelmente um tema de primeira grandeza entre os membros da República das Letras, objecto de estudo e de controvérsia entre os mais notáveis humanistas europeus, em particular entre os cultores da arte médica. Entre os autores em destaque neste volume encontram-se, à cabeça, os nomes de Amato Lusitano, Garcia de Orta e Nicolás Monardes, famosos pelos contributos valiosos que deram para o conhecimento do mundo natural. O volume encontra-se dividido em duas partes: a primeira, subordinada ao título “Humanismo e Ciência”, alberga os estudos que versam sobre todos os autores estudados, à excepção de Amato Lusitano; a segunda está reservada a um conjunto de trabalhos dedicados exclusivamente ao médico albicastrense, cuja autoria se fica a dever, em boa parte, aos membros da equipa do projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano”, tomando, por isso, o seu próprio título. Nesta segunda parte, oferece-se, desde já, aos leitores uma amostra significativa do trabalho desenvolvido no âmbito do projecto e que culminará, assim se espera, na edição e tradução integral para língua portuguesa das quatro obras previstas de Dioscórides, Amato Lusitano e Pietro Andrea Mattioli.



HUMANISMO E CIÊNCIA: Antiguidade e Renascimento

O projecto de I&D “Dioscórides e o Humanismo Português: os Comentários de Amato Lusitano” constituiu-se como o ponto de partida de uma reflexão alargada sobre as relações entre Humanismo e Ciência, percebidas a partir do diálogo fecundo entre dois tempos tão próximos quão afastados: Antiguidade e Renascimento. Naturalmente, a matéria médica representa o eixo central em torno do qual gravita a maioria dos estudos deste volume, cujas ramificações se estendem a múltiplos saberes no domínio da Botânica, Farmácia, Geologia, História, Lexicografia, Literatura, Matemática, Medicina ou Zoologia.

Os humanistas que desde os finais do século XV editaram, comentaram e traduziram o tratado de Dioscórides estão na origem de um processo acelerado de (re)conhecimento do mundo natural, ancorado no método filológico e nos resultados carreados pela observação e pela experimentação de uma realidade tantas vezes nova e completamente desconhecida. Neste movimento de largo espectro, tomaram parte alguns dos autores em destaque neste volume, seja através do estudo da própria matéria médica e/ou da medicina (Amato Lusitano, Filipe Montalto, Gabriel da Fonseca, Garcia de Orta, John Frampton, Luís Nunes de Santarém, Nicolás Monardes, Rodrigo de Castro), seja através do culto da poesia (Camões, Diogo Pires, Luís Nunes), seja através da matemática (Pierre Brissot, Francisco de Melo).



universidade de aveiro
theoria poesis praxis

• U



C •



FCT

Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA



PROGRAMA OPERACIONAL FACTORES DE COMPETITIVIDADE



QUADRO DE REFERÊNCIA ESTRATÉGICO NACIONAL
PORTUGAL 2007-2013



UNIÃO EUROPEIA
Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional